

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

HELLEN VIOLA DONDOSSOLA

UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE ARTE E INCLUSÃO

CRICIÚMA

2019

HELLEN VIOLA DONDOSSOLA

UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE ARTE E INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2019

HELLEN VIOLA DONDOSSOLA

UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE ARTE E INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Édina Regina Baumer- Mestre em Educação – (UNESC) - Orientador

Prof. Ma. Izabel Cristina Marcílio Duarte – Mestre em Educação- (UNESC)

Prof. Bruna Scarabelot Freitas - Especialista - (UNESC)

Dedico este trabalho a todos que estiveram ao meu lado estes quatro anos me apoiando e incentivando de alguma forma, dedico também as crianças que contribuíam para minha formação tanto em meus estágios obrigatório quanto na minha experiência como monitora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Glaucia e meu pai Arlei que sempre estiverem ao meu lado me apoiando e me ajudando em momentos difíceis agradeço também por nunca deixar eu desistir dos meus sonhos, agradeço também ao meu namorado Everson que sempre esteve ao meu lado me ajudando, principalmente nestes últimos meses.

Agradeço a minha orientadora Édina por ter aceito o convite, pela paciência nestes últimos meses e os ensinamento adquiridos. E a cada professor de Artes Visuais - Licenciatura que fizeram parte desta etapa em minha vida, agradeço pelos ensinamentos, deixo aqui meu muito obrigada por fazer parte de minha formação.

Agradeço também as minhas amigas Stefany e Fatrine pois sempre estivemos juntas, agradeço pelos conselhos e apoio ao longo destes anos.

E não poderia deixar de agradecer também a minha banca examinadora que aceitou o convite: Bruna e Isabel.

Agradeço também a Deus pois cuidadosamente colocou pessoas muito importantes em minha vida que com certeza contribuíram muito para que eu chegasse até aqui.

A cada um agradeço por fazer parte desta nova conquista e com certeza muitas conquistas ainda estão por vir.

Muito obrigada!!!

“Incluir de verdade significa pensar no indivíduo que carrega um história única, acreditar que por trás de toda diferença há alguém que precisa ser visto e encontrado no olhar no outro. Não se trata de deixar o sujeito caminhar no seu processo livre e sem rumo; ao contrário, é trilhar esse caminho com ele – ora facilitando, ora problematizando, mas sempre junto, oferecendo o alimento na hora e na dose certas.”

Patrícia Vieira

RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi pesquisar como as aulas de Artes podem contribuir na inclusão do aluno com deficiência e os objetivos específicos buscaram investigar as metodologias utilizadas para a inclusão dos alunos; analisar como o professor de arte pensa o aluno com deficiência em suas aulas; e como instituições e escolas utilizam da arte para a inclusão de alunos com deficiência. O problema da pesquisa foi: as aulas de arte podem contribuir na inclusão dos alunos com deficiência – E para investiga-lo optei pelo caminho da A/r/tografia, buscando pesquisar e relatar experiências publicadas de professores que através da arte incluem seus alunos com deficiência. Ao olhar para os quatro relatos coletados e ao mesmo tempo refletir a partir do referencial teórico construído neste percurso de pesquisa, é possível ver as grandes experiências que alunos e professores podem viver através dos ateliês e das aulas que ali acontecem. Os principais autores que fundamentaram este estudo foram Carvalho (2014), Ferraz e Fusari (2009), Tibola (2001) e Salles (2009). A abordagem da pesquisa foi qualitativa e os relatos mostraram a preocupação dos professores e escolas em incluir seus alunos respeitando cada um em suas dificuldades fazendo com que consigam aprender as diferentes áreas da arte. Ao final do estudo pode se concluir que além da paixão por ensinar e pensar cada aluno com sua particularidade, o professor precisa despertar a curiosidade do saber em cada um, fazer com que experimente mesmo que com dificuldades, que conheça um pouco das diversas possibilidades de conhecer e fazer arte.

Palavras-chave: Inclusão. Pessoa com Deficiência. Aulas de arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagens retiradas do livro.....	19
Figura 2 - Imagens retiradas do livro.....	20
Figura 3 - técnica utilizando base de isopor.....	22
Figura 4 - trabalho final de xilogravura.....	23
Figura 5 - Linhas sobre tela.....	26
Figura 6 - Exposição dos trabalhos.....	28
Figura 7 - Reproduzindo obra com argila.....	29
Figura 8 - Reproduzindo obras.....	30
Figura 9 - Elaboração de roupas	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PENSANDO SOBRE INCLUSÃO.....	14
3 EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE ARTE E INCLUSÃO.....	18
3.1 A EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO RODRIGO MENDES	18
3.2 APRENDENDO XILOGRAVURA.....	21
3.3 CONHECENDO ALGUNS ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL.....	24
3.4 CRIANDO E CUIDANDO.....	28
3.5 UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS.....	33
4 PROJETO DE CURSO.....	35
5 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Quando iniciei o curso de Artes Visuais Licenciatura na UNESC sabia que não era minha primeira opção de curso e também não tinha certeza se era realmente o que queria fazer, então para entender melhor a vivência e a realidade do caminho que eu estava iniciando dei início também como monitora em um colégio de Forquilha, auxiliando três crianças com deficiência, foi uma experiência única me apaixonei por poder ajuda-las de alguma forma. Trabalhei dois anos com a turma e auxiliando as mesmas três crianças, foram dois anos de muitas emoções. Aprendi muito com eles e com a coordenação da escola, aprendi a lidar com as crianças e o quanto era importante a inclusão para os mesmos. Observei que em algumas matérias das aulas eles tinham muitas dificuldades, mas cada um com as suas particularidades.

Vi que aquelas crianças escreviam e falavam pouco, porém se expressavam muito através do desenho. Vendo aqueles desenhos imaginava como as professoras poderiam explorar mais essa técnica em sala de aula e como ela poderia ajudar no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Com pouca experiência, mas muita vontade de ajudar as crianças, comecei a observar com atenção os seus desenhos e entender como representava para elas. Foi então que entendi que elas desenhavam de acordo com os sentimentos do momento e como não conseguiam se expressar oralmente, a única forma de expressão era o desenho. Após compreender essa condição que os alunos apresentavam meu relacionamento com eles começou a melhorar, pois comecei a entendê-los e compreender suas vontades, quando queriam ou não participar de alguma atividade, quando estavam doentes ou até mesmo quando só queriam brincar.

Então no segundo ano trabalhando com eles e já na terceira fase (semestre 2017/1) do curso tivemos a matéria de Fundamentos e Metodologia da Educação Especial, que me ajudou muito no desenvolvimento como monitora e na minha vontade de ser professora e poder ajudar as crianças que necessitam de um método diferenciado para sua aprendizagem em geral, nesse momento senti necessidade de pesquisar mais sobre o tema e a realidade das escolas.

Nas aulas me imaginava pesquisando e buscando compreender a realidade da inclusão. Foi então que surgiu meu problema de pesquisa: **As aulas de arte podem contribuir na inclusão dos alunos com deficiência?**

E com ele muitos questionamentos e curiosidades sobre o assunto, como: o que pensa a comunidade escolar sobre a inclusão dos alunos? Quais metodologias os professores utilizam para a inclusão dos alunos? O que autores que pesquisam o ensino da arte analisam sobre a inclusão escolar?

Penso que para minha formação como professora esta pesquisa é de extrema importância para entender ainda mais a comunidade escolar e seu trabalho com a inclusão dos alunos bem como encontrar contribuições da arte e de seu ensino, para a inclusão da pessoa com deficiência.

Em conversas com professoras nos estágios vejo muito a angustia pela inclusão, vejo que buscam por isso, mas há uma grande dificuldade neste assunto dentro do ambiente escolar.

Percebo nos estágios professoras e monitoras realizando diferentes atividades para os alunos com deficiência. Acredito que essa não seria a solução para a inclusão dos mesmos em sala de aula, mas sim que a professora desenvolvesse o conteúdo de forma adaptada para os alunos que demonstram dificuldades, pois cada aluno tem seus pontos fracos e fortes, a partir disso os professores alcançam os objetivos do conteúdo para os mesmos.

Não é distribuindo diferentes atividades, ou até mesmo um desenho para o aluno colorir no meio de uma aula de matemática por exemplo que conseguimos obter bons resultados com a inclusão e a aprendizagem destes alunos.

Em meus dois anos como monitora em sala de aula me deparei com muitas dificuldades em entender os pontos fracos e fortes de meus alunos, foram muitos dias voltando para casa chorando pois não sabia lidar e nem explicar as atividades, porém quando comecei a conhecê-los melhor e entender o que queriam e qual suas habilidades, nosso relacionamento começou a melhorar e com atividades adaptadas começaram a escrever seu próprio nome, neste momento vi que o que eu estava fazendo estava tendo um bom resultado.

E isso é o que falo para cada professora quando relatam que tem um aluno com deficiência em sala de aula e não sabem como lidar, então eu questiono: o que ele gosta? Você já tentou passar as mesmas atividades de uma forma adaptada a deficiência dele? O monitor tem se preparado para trabalhar com essas crianças?

Pois outra dificuldade muito grande encontrada nas escolas são os monitores sem nenhum preparo para trabalhar com crianças com deficiência. Se não

há um bom preparo e uma motivação para essa inclusão, iremos continuar passando desenhos para as crianças colorirem enquanto os demais alunos fazem as atividades diárias.

Neste estudo optei pelo caminho da A/r/tografia, buscando pesquisar e relatar experiências publicadas de professores que através da arte incluem seus alunos com deficiência.

A/r/tógrafos são capazes de criar artefatos e textos que representam a compreensão adquirida a partir de suas perguntas iniciais, no entanto eles também prestam a devida atenção para a evolução dos problemas durante a investigação. Muitas vezes, é aqui que o projeto a/r/tográfico se torna um ato transformador da investigação. Problemas de pesquisa estão imersos nas práticas de artistas, educadores ao artistas-educadores e, portanto, tem o potencial de influenciar essas práticas no e durante o seu tempo. (IRWIN, 2013, p.29)

A linha de pesquisa em que ele se insere é Arte Educação. Pesquisei relatos juntamente com imagens apoiada na ideia de Irwin (2013 p.28) que diz que “A A/r/tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais.”.

É uma pesquisa qualitativa, foram pesquisados professores, por meio de livros e artigos com o objetivo de compreender a inclusão nas escolas.

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY, 1995, p.23).

O objetivo geral foi pesquisar como as aulas de Artes podem contribuir na inclusão do aluno com deficiência e os objetivos específicos buscaram investigar as metodologias utilizadas para a inclusão dos alunos; analisar por meio de pesquisas como o professor de arte pensa o aluno com deficiência em suas aulas; e como instituições e escolas utilizam da arte para a inclusão de alunos com deficiência.

Busquei na internet e em livros, relatos de experiências de professores que buscam na arte a inclusão de alunos com deficiência, trazendo então projetos de professores e instituições que contribuem para inclusão de seus alunos.

2 PENSANDO SOBRE INCLUSÃO

Antes de pensar como os professores lidam com a inclusão devemos entender melhor o que esta palavra tão discutida hoje em dia quer nos dizer. No livro *A escola para todos e para cada um* (2017) lemos que:

No âmbito educacional, incluir implica repensar a pedagogia e a didática de modo que todos possam aprender conjuntamente. A educação inclusiva tem como principal propósito ajudar escolas e educadores a permitir que todos os alunos, em sua diversidade, possam aprender juntos. É repensar o próprio objetivo da educação, deslocando o foco da transmissão do conhecimento que foi acumulado pelo professor para o potencial de aprendizagem que os alunos apresentam. Embora, no Brasil, a educação inclusiva seja vista como parte da educação especial, ela é, na verdade, mais ampla do que isso. Quando falamos em inclusão, pensamos sempre em toda a diversidade - pessoa com deficiência, diversidade étnica e de gênero, estudantes com altas habilidades em campos específicos ou com dificuldades especiais, inclusive emocionais. (GALLERY, 2017, p. 37-38).

O livro nos traz muitas reflexões sobre a inclusão no espaço escolar, Pinto (2017, p.86) acredita “[...] que o primeiro passo possa ocorrer dentro da sala de aula, na maneira como o educador conduz a sua turma e consegue identificar no mesmo tempo e espaço aquilo que é essencial para cada e para todos.”.

Mantoan e Prieto no livro *Inclusão escolar* (2006), também nos trazem alguns relatos de diferentes dificuldades da preparação das escolas para a inclusão de alunos com deficiência: em diversas partes dos textos elas falam do despreparo de professores e alguns relatos de pais de alunos.

A verdade é que o ensino escolar brasileiro continua aberto a poucos, e essa situação se acentua drasticamente no caso dos alunos com deficiência. O fato é recorrente em qualquer ponto de nosso território, na maior parte de nossas escolas, públicas ou particulares, e em todos os níveis de ensino, mas sobretudo nas etapas do ensino básico: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. (MANTOAN; PRIETO, 2006, p.23).

Vemos então a importância de preparar escola e professores para receber os alunos com deficiência no meio escolar. Há muito tempo vimos discutindo muitos problemas encontrados no espaço escolar com relação a inclusão de alunos com deficiência e no livro *Inclusão praticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*, (2007) Marques aponta que:

Os problemas são inúmeros, muitos deles antigos e ainda sem solução. Precisamos criar novas formas para lidar com eles, pois sabemos que a modernidade não deu conta de resolve-los. Enfrentar os velhos problemas com as velhas estratégias significa não sair do lugar, representa olhar o

velho cenário com os mesmos óculos, significa trilhar um caminho conhecido com os mesmos sapatos, ou seja, representa apostar novamente no fracasso do empreendimento. Precisamos, sim, ressignificar o cotidiano escolar por meio da construção de novos diálogos, de cujo contexto ninguém esteja excluído[...] (MARQUES, 2007, p.153).

A ideia deste texto é trazer a importância do preparo para receber alunos com deficiência e incluí-los no ambiente escolar. Já ouvi relatos de pessoas, na rua, informalmente, dizendo: 'crianças deficientes são muito inteligentes, o problema está na sociedade que não sabe lidar com essas crianças'. Muitos relatos como esse revelam professores que demonstram dificuldades com alunos com deficiência ou colocam em dúvida como as instituições trabalham com essas crianças.

Há muito tempo vem se querendo incluir alunos com deficiência no ambiente escolar, porém há pouco tempo isso é obrigatório em todas as escolas, a discussão é de tempos porem as pessoas ainda não sabem lidar com as crianças e muitas escolas não procuram conhecimento sobre essas crianças. No entanto, a LDB n. 9.394/96 determina:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (BRASIL, 1996).

Sendo assim vemos que alunos com deficiência tem obrigatoriamente direito de tratamento especial em sua educação. Isso não está determinado somente na LDB n. 9.394/96 mas também no Estatuto da pessoa com deficiência, aprovado em julho de 2015:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015.)

O estatuto também afirma a inclusão de alunos com deficiência no campo da cultura, esporte, turismo e lazer, para isso afirma no artigo 43 que:

O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, devendo: I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas; II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, **inclusive no sistema escolar**, em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015.) (grifos da pesquisadora).

Vendo então que a partir do seu estatuto a pessoa com deficiência tem direito a cultura e atividades artísticas em igualdade aos demais, inclusive no ambiente escolar, retomo à minha pergunta inicial: as aulas de arte podem contribuir na inclusão dos alunos com deficiência?

Mesmo com toda essa conquista de direitos de alunos com deficiência no ambiente escolar sabemos que não basta estar na escola, é preciso também participar do processo de ensino e aprendizagem para desenvolver suas capacidades. Nesse sentido, para refletir sobre a Arte e a Inclusão, trago um pouco do conceito de arte observando a afirmação de Ferraz e Fusari (2009, p.18) quando dizem que “É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo.”.

Então as autoras trazem o valor da arte na manifestação e representação de experiências vividas. No livro *Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições* as autoras relatam:

A escola, como espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais. Por isso, é também o lugar e o momento em que se pode verificar e estudar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região, país, ou a sociedade em geral. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.19)

A arte instiga e oferece ao aluno a criação de suas marcas como podemos ver no livro *Artes Visuais na educação Inclusiva* que afirma:

[...]a arte rompe com o predomínio logico- matemático das disciplinas escolares. Oferece ao educando outras partes de acesso ao desenvolvimento de seu potencial. Além disso, por lidar constantemente com a subjetividade, a arte favorece a criação de marcas pessoais de cada

aluno em seu processo de aprendizagem. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.49).

A partir dessas reflexões vamos confirmando o valor das aulas de arte para a manifestação e aprendizado de todos alunos: “Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos [...], o educando amplia sua concepção da própria arte e aprende dar sentido a ela. (FERRAZ; FUSARI 2009, p.19). Mas a reflexão se confirma ainda mais quando vemos a forma como é valorizada a arte, dentro das experiências da Educação Especial, como por exemplo, nas orientações para o trabalho com arte nas APAES, que inicia incentivando “[...] estratégias de desenvolvimento de trabalho de modo a dar abrigo às diferenças.”. (TIBOLA, 2001, p. 20).

No texto *Arte, cultura, educação e trabalho*, a autora afirma que as aulas de arte contribuem para a construção da aprendizagem do aluno e aconselha o professor a trabalhar em conjunto com profissionais de outras áreas.

O trabalho com os alunos portadores de deficiência, os conhecimentos a serem construídos não devem ser minimizados, ou desconsiderados. Ao contrário, o direito ao acesso e à construção desses conhecimentos está assegurado a todos os cidadãos na legislação. (TIBOLA, 2001, p.20).

A partir dessas reflexões trago no próximo capítulo, quatro relatos de experiências do ensino da arte que envolveram pessoas com deficiência.

3 EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE ARTE E INCLUSÃO

Começo a apresentação das experiências que considerei exitosas no campo da Arte e inclusão, trazendo o livro *Artes visuais na educação inclusiva: Metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes*, depois apresento as contribuições do artigo *Arte e Educação Especial: Ensinando Xilogravura a alunos com deficiência intelectual*; logo depois apresento *O ensino de arte na Escola Especial: o desenho como base da apropriação do conhecimento dos elementos da linguagem visual* e para finalizar trago *Arte e Educação Especial: possibilidades de criação com alunos da educação de jovens e adultos*.

3.1 A EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO RODRIGO MENDES

Para iniciar a apresentação dos dados coletados para este estudo, trago o livro *Artes visuais na educação inclusiva: Metodologia e práticas do Instituto Rodrigo Mendes*. Esse livro tem como objetivo compartilhar experiências do instituto no campo da arte e da educação inclusiva.

O Instituto Rodrigo Mendes nasceu em 1994: “A iniciativa começou com um grupo de dez alunos com deficiência, pertencentes a comunidades de baixa renda. Para me acompanhar na condução do projeto, convidei Luca Vitale, que assumiu a posição de professor.”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.33).

Atualmente o instituto é composto por três programas: singular, plural, geração. O programa singular nos traz a formação, o plural o conhecimento e já o programa geração enfoca na sustentabilidade. Para isso o instituto “[...] desenvolve e comercializa produtos institucionais e estabelece contratos de licenciamento com empresas. O programa é responsável também pela captação de recursos junto ao setor privado e aos demais agentes financiadores.”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.46). No centro destes três programas está o centro de estudos.

O Instituto Rodrigo Mendes atende diferentes alunos, em diferentes oficinas buscando inclui-los nos campos das artes e atende também educadores em busca de conhecimento.

Fig.1 Imagens retiradas do livro



Fonte: MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010.

Nossa pretensão, portanto, é participar ativamente do processo de transformação das escolas públicas com vista numa educação que acolha as diferenças humanas e respeite os princípios de igualdade. Este livro é emblemático da trajetória do Instituto Rodrigo Mendes, na medida em que tenta inspirar educadores de todas as áreas nessa direção. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.49)

Explicando o programa plural vemos que os autores afirmam que a proposta do instituto “[...]exercida desde a sua fundação, foi estabelecer uma possível ruptura da exclusão por meio da arte. Para dar forma a essa ideia e torna-la realizável, adotou como caminho as práticas educativas em ateliês de artes visuais.”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.55)

[...] Rodrigo não estava procurando especialista nesse assunto, mas pessoas dispostas a compartilhar o desafio de construir uma ação inclusiva significativa no campo das artes. Tínhamos pela frente o grande desafio de formular a concepção educativa do Programa de Arte-Educação, que passou a ser chamado de “Programa Singular”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.55)

A razão do Programa singular era reunir pessoas “[...] para se inter-relacionares a partir de suas próprias histórias de vida, com seus próprios olhares, afetos e desafetos, habilidade e inabilidades, e tanto outros “possíveis fatores” que constituem um ser.”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.59). Esse processo passa então a despertar em cada um sua singularidade e trabalhar também a manifestação artística em cada um. ‘Artisteiro’ é como são chamados os participantes no livro e “[...] significa abrir-se para experiências investigativas das potencialidades objetivas e subjetivas da arte de modo singular e autoral.”. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.59).

Fig.2 Imagens retiradas do livro



Fonte: MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010.

O programa singular é dividido em projetos, tais como:

Oráculos – trata-se de um painel destinado a pequenas exposições temporárias dos trabalhos elaborados no ateliês[...]. **Artistas convidados e visitas a ateliês (diálogos)** – conforme conteúdo abordado nas atividades permanentes e nas sequencias, artistas serão convidados para dar depoimentos sobre seus processos, [...] **Visitas a exposição e passeios institucional** – oferecer aos artisteiros oportunidades de vivenciar experiências estéticas por meio de contato com produções artísticas exibidas em museus, galerias e centros culturais, [...]. **Arte na rua** – é um dos projetos do IRM que contem plano de atividades sequenciadas para realização de manifestação artísticas coletivas fora do ateliê, [...]. **Expoarte** – mostra da seleção de trabalhos produzidos ao longo do período letivo. [...] (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.87-88)

Já o Programa plural tem como seu público alvo educadores e a eles “[...]oferece cursos de formação continua que tratam e investigam a temática da inclusão/exclusão, abordada a partir das artes visuais” (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.93). O curso acontece a partir de experiências, perguntas e dificuldades vividas no instituto.

Acreditamos que os avanços em direção a uma escola “onde todos encontrem lugar para aprender” brotarão de ações coletivas, fruto da abertura para mudar e do trabalho realizado em colaboração. [...] Gostaríamos também de ver esse princípio presente no relacionamento entre os participantes e os seus alunos em sala de aula, assim como entre diretores de escolas e coordenadores pedagógicos, entre coordenadores pedagógicos e professores, e assim por diante. (MENDES; CAVALHERO; GITAHY, 2010, p.95).

Como vemos, o Programa plural enfatiza o coletivo, suas memórias e as experiências no ateliê, o curso não se constitui somente em encontros com os professores, mas sim em instigar cada um em seu percurso de investigação e aprendizado na escola, junto aos seus alunos.

3.2 APRENDENDO XILOGRAVURA

O artigo *Arte e Educação Especial: Ensinando Xilogravura a alunos com deficiência intelectual*, “[...] apresenta o relato de um projeto desenvolvido com alunos da APAE de Florianópolis/SC, que objetivou o aprendizado da xilogravura na disciplina de artes no ano de 2010 e 2011.”. (OLEQUES, 2019, p.1).

Na trajetória da inclusão da pessoa com deficiência o artigo cita as dificuldades dos alunos destacando que é preciso que esse processo “[...] venha a quebrar as barreiras do preconceito, especificamente, sociais e culturais que atingem as pessoas que necessitam de um processo de aprendizagem diferenciado ou adaptado.”. (OLEQUES, 2019, p.4).

A instituição onde se desenvolveu o projeto “[...] atende pessoas com deficiência mental ou múltipla, atraso no desenvolvimento psicomotor ou autistas de todas as idades e classe econômica, atendendo cerca de 420 alunos de todas as faixas etárias [...]”. (OLEQUES, 2019, p.9). Desse total de alunos 20 participaram das aulas de xilogravura.

O projeto buscou o desenvolvimento de uma proposta dinâmica, tendo em vista a elaboração de atividades estéticas envolvendo alunos adultos com deficiência mental, considerando o desenvolvimento motor, cognitivo e estético, ampliando seus campos de interação com a atividade artística e desenvolvendo a sensibilidade e a percepção em relação a suas próprias criações. (OLEQUES, 2019, p.9).

Fig. 3 - técnica utilizando base de isopor



Fonte: <https://virtual.udesc.br/eventos/ixencontro/07.pdf>

Para iniciar as aulas primeiramente oportunizou-se uma compreensão do tema, depois o conhecimento das técnicas com algumas atividades de desenhos, manuseio dos materiais e então o trabalho final. Há relatos de dificuldades como alunos faltosos e dificuldades em manusear os instrumentos, mas mesmo com essas dificuldades, “após o início do ano letivo de 2011 a turma teve a oportunidade de expor seus trabalhos, realizados no projeto, no Espaço Cultural Maria Rita que se localiza no Terminal Rodoviário Maria Rita em Florianópolis.”. (OLEQUES, 2019, p.14). A figura 3 mostra a primeira técnica apresentada utilizando isopor, e manuseando as goivas nesta etapa os alunos puderam conhecer e saber a função e para que serve cada ferramenta.

De acordo com a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, o ensino da arte pode ser compreendido a partir de três áreas: fruição, produção e contextualização. Deste modo pode-se entender que o projeto abarcou satisfatoriamente esta proposta. Considerou-se que as estratégias utilizadas foram satisfatórias para o entendimento e compreensão da xilogravura, por parte dos alunos, pois os exercícios possibilitaram que os alunos visualizassem e experienciassem a xilogravura antes do manuseio com as goivas, bem como conhecer alguns artistas contemporâneos e de outras épocas que se utilizaram desta técnica e assim relacionar a gravura aos seus contextos. (OLEQUES, 2019, p.14).

Sendo assim os alunos conheceram a técnica de xilogravura, tiveram a experiência de manuseamento dos materiais e a oportunidade de expor seus trabalhos. Na figura 4 vemos um dos trabalhos finalizados pelos alunos o qual no final do conteúdo trabalhado foi para a exposição.

Fig.4 - trabalho final de xilogravura



Fonte: <https://virtual.udesc.br/eventos/ixencontro/07.pdf>

Acredito que essa forma de incluir os alunos – em diferentes técnicas das artes e levar diferentes processos com opções de atividades – seja única para cada aluno.

O livro *Se houvera quem me ensinara...A educação de Pessoas com Deficiência Mental*, nos traz a importância de enfrentar barreiras.

Há ainda muitos medos, indiferenças e ignorâncias a vencer. Por isso mesmo, a integração da pessoa com deficiência, ao obrigar a eliminação

das barreiras (materiais, psicológicas e culturais) contribui, é certo, para o seu desenvolvimento individual e social (a marginalização é sempre causa de problemas psicológicos e sociais), mas contribui também para o desenvolvimento individual e social do todas as outras pessoal (os medos, preconceitos, ignorâncias, tabus, vergonhas são obstáculos ao desenvolvimento harmonioso de qualquer personalidade) e das sociedades (enriquecidas pela integração e participação de todos os seus membros). (VIEIRA; PEREIRA, 2003, p.38).

Aprendemos então a importância de eliminar barreiras para formação da pessoa com deficiência e acredito que na escola, com a inclusão em diferentes conteúdos, o processo de aprendizagem seja significativo para o desenvolvimento de cada aluno.

3.3 CONHECENDO ALGUNS ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL

Uma outra valorosa experiência que encontramos foi o projeto *O ensino de arte na Escola Especial: o desenho como base da apropriação do conhecimento dos elementos da linguagem visual*. Nesse projeto, Souza e Galuch (2016, p.4) apresentam “[...] os resultados da implementação da Produção Didático-pedagógica realizada com alunos da educação especial, matriculados regularmente no ensino fundamental, da Escola Esperança, na cidade de Nova Esperança, no estado do Paraná, com a disciplina de Arte.”. O artigo então traz relatos alcançados sobre o conteúdo trabalhado, o qual foi o desenho com base em elementos visuais.

Nosso objetivo era conceituar este elemento levando os alunos a perceberem o ponto como parte de uma composição através da observação de obras e desenhos com pontos, bem como realizando atividades práticas individuais e coletivas relacionadas ao ponto como pinturas e desenhos, de modo a compreender que, a partir de um ou vários pontos, podemos formar imagens. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.14)

No primeiro momento ao mostrar o trabalho que iria ser desenvolvido a autora relata alguns comentários dos participantes: “percebemos que alguns alunos se sentiram um pouco incomodados dizendo que “não sabiam desenhar bonito” e também que “os outros verão meus trabalhos, mas não ficará legal”.” (SOUZA; GALUCH, 2016, p.13)

Utilizamos o texto *O menino*, de Helen Buckley, no primeiro encontro para levar os alunos a perceberem a importância de se usar a imaginação, a criatividade e a originalidade, e que cada um produz de acordo com suas especificidades. Enfatizamos, ainda, que a partir de então, seria o momento de descobrirem novas formas de criação e produção artística, sem a preocupação se estaria “feio ou bonito”, mas sim uma forma de aprender conteúdos relacionados ao desenho. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.13).

Com essa proposta as autoras relatam que quis motivar os alunos a produzirem sem preocupação com os demais e instigar a imaginação deles, cita também as diferentes técnicas utilizadas para a aula: “Os elementos visuais trabalhados foram: 'ponto', 'linhas', 'texturas e superfícies', 'cores primárias e secundárias' e 'desenho representativo e abstrato'.” (SOUZA; GALUCH, 2016, p.13), afirmam as autoras e as atividades envolveram a teoria e a prática, vídeo e exposição dos resultados no final. Foram apresentadas as obras do artista Romero Britto: Gato feliz, Cachorro esnobe (2015)

[...] afirmam de que os alunos percebessem e compreendessem que um desenho se faz por meio de vários elementos. Conforme iam observando, refletindo e conversando sobre o assunto, eles começaram a apontar nesta obra alguns elementos, principalmente as cores e linhas. Alguns alunos comentaram que não sabiam que era assim que se formava um desenho, que não sabiam que existiam nomes específicos para esses elementos. Posteriormente, realizaram um desenho, mediante a sugestão de que desenhassem aquilo que sabiam e comesçassem a desenhar atentando-se aos elementos visuais. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.13-14).

Na atividade com linhas, segundo o relato, houve uma melhor compreensão e trabalhos bastante criativos, inclusive no decorrer da aula os alunos nomearam os tipos de linhas corretamente. “Com este elemento, foram desenvolvidas atividades de colagem com linhas e barbantes, desenho, utilizando os diferentes tipos de linhas, criação de desenhos partindo de um conjunto de linhas, pintura, entre outros.” (SOUZA; GALUCH (2016, p.16). Este trabalho foi coletivo ensinando também o respeito à opinião dos demais integrantes e a participação de todos.

Fig. 5 - Linhas sobre tela



Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_6_artigo_edespecial_uem_jacquinedekassiazanchetti.pdf

A próxima atividade foi em busca de texturas aonde os alunos saíram da sala para experiência as diferentes texturas encontradas e utilizaram diferentes suportes como lixa, papel ondulado, cartaz entre outros.

Os procedimentos criativos estão, igualmente, ligados ao momento histórico, em seus aspectos social, artístico e científico em que o artista vive. Trata-se, portanto, de um dos momentos e que o diálogo com a tradição torna-se mais explícito. As opções, aparentemente, individuais estão inseridas na coletividade dos percursos e contemporâneos. Nessa perspectiva, observa-se a utilização de recursos em instantes de ruptura ou continuidades inovadoras, por exemplo. (SALLES, 2009, p.112)

Foi desenvolvida também uma atividade sobre cores onde foi possível observar que os alunos conseguiam identificar as cores porém não sabiam nomeá-las nem identificá-las como primárias e secundárias.

Iniciamos o trabalho utilizando este elemento visual, refletindo sobre as cores através do livro *As Cores*, de Adèle Ciboul. Em seguida, fizemos uma reflexão sobre as cores existentes ao nosso redor, como seria o mundo sem cor, enfatizando que cada cor sugere ou lembra algo que conhecemos, por exemplo: amarelo, o Sol; verde, os galhos das árvores; entre outras. Posteriormente, utilizamos vídeos enfatizando que há cores diferentes, sendo três cores primárias (vermelho/magenta, amarelo e azul), que, de acordo com a relação entre si, formam mais três cores, as secundárias: laranja, verde e violeta. Solicitamos que desenhassem e pintassem com

diferentes materiais como giz de cera, tinta guache, canetas hidrocolors, entre outros. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.18).

Nessa proposta destaca-se uma das atividades que oportunizou aos alunos, uma experiência com a mistura de cores, o que os fez aprender sobre as cores secundárias, que no início do projeto eles ainda não identificavam.

Para o trabalho com este tema, realizamos também a mistura de tinta em garrafas pet, momento em que os alunos demonstraram surpresa ao verem as cores secundárias se formando, falando, inclusive, que “estavam fazendo mágica” com as cores. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.18).

Os alunos participaram ativamente dos trabalhos, ficaram mais criativos e atentos, e foi perceptível a mudança no decorrer das atividades, com relação aos alunos que no início estavam inseguros e passaram a demonstrar segurança em suas ações.

As atividades realizadas nos trouxeram a certeza de que ao sistematizarmos uma proposta de trabalho com a disciplina de Arte como área de conhecimento nas escolas especiais, possibilitamos aos alunos compreender os elementos que estruturam e organizam o desenho, de maneira a apropriarem-se dos modos de composição por meio da linguagem visual. (SOUZA; GALUCH, 2016, p.22)

Porém alguns alunos necessitaram de ajuda pois alguns demonstraram dificuldades em relação aos desenhos abstratos.

Parte-se da ideia de que as crianças não chegam à escola como “tabulas rasas”. Elas sempre sabem muitas coisas, todos podem aprender mais, ainda que seu modo e com ritmos diferentes. Portanto, os professores não devem desistir, mas nutrir uma elevada expectativa em relação à capacidade dos seus alunos, auxiliando-os na remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação. (CARVALHO, 2014, p.68).

Fig. 6 - Exposição dos trabalhos



Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_jacquelinekassiazanchetti.pdf

Para finalizar o projeto foram confeccionados cartazes para a divulgação da exposição de seus trabalhos e os alunos estavam muito preocupados com o que as pessoas iriam dizer. Mas durante a exposição, segundo o relato, foi possível ouvir a fala de alunos contando para os demais sobre trabalhar com linhas e cores, o que significa que os alunos aprenderam e se divertiram como mostra figura 6.

3.4 CRIANDO E CUIDANDO

O projeto *Arte e educação especial: possibilidades de criação com alunos da educação de jovens e adultos* de Creide Ramos Farias e Adriana de Fátima Franco foi um projeto interdisciplinar que envolveu a arte e educação ambiental. A didática foi desenvolvida em 2015 entre o mês de fevereiro e outubro.

As atividades foram desenvolvidas com os alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos na Escola Menino Deus – Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Educação de Jovens e adultos, na modalidade Educação Especial, localizada no Município de Peabiru, como parte do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional da SEED – Secretaria Estadual da Educação. (PARANÁ, 2016, p.8)

Ao dar início no projeto foram apresentados seus objetivos, para então iniciar as atividades com os alunos. Foi passado um vídeo para melhor entendimento dos alunos contando um pouco sobre o artista trabalhado Amilcar de Castro e então conversado sobre. Ao iniciar a primeira atividade que seria proposto um desenho

sobre a autobiografia, os alunos se empolgaram na conversa e a atividade foi registrada oralmente.

Segundo encontro foi uma atividade com argila, no qual os alunos teriam que escolher alguns trabalhos do artista que mais lhe chamou a atenção e posteriormente as produzir com argila.

Fig. 7 - Reproduzindo obra com argila



Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_4_uem_edespecial_artigo_creide_amos_farias.pdf

Já no encontro seguinte a professora apresentou o desenho abstrato e figurativo.

[...] em que a professora PDE buscou explicar essa diferença no quadro negro, com exemplos e palavras do nosso cotidiano. Após esta abordagem, foi realizado um breve debate sobre “quem gostava dos desenhos figurativos ou abstratos”. Todos salientaram gostar mais do desenho figurativo, pois, seria “mais fácil falar o que está na obra”. Neste momento, a professora PDE explicou que o desenho abstrato, pode em muitos casos, não apresentar o significado explicitamente, mas sim, um significado construído por imagens, cores, linhas e formas e que, na maioria das vezes, tais cores podem proporcionar sensações de ânimo, ultrapassando nossa sensibilidade. (PARANÁ, 2016, p.11)

Os alunos brincaram então com sua criatividade e cores, pois foi solicitado pela professora que experimentassem desenhar de forma abstrata, porém quando foi solicitado um desenho figurativo os alunos tiveram muito cuidado para ver quem desenhava melhor. Dessa forma vemos que:

O objeto que está sendo criado carrega um modo sensível de mediação da realidade que lhe é externa; é a percepção artística que age nessa escuta por meio de todos os sentidos. A percepção é um dos campos de testagem do ato criador; uma forma de exploração do mundo. (SALLES, 2009, p.95).

Fig. 8 - Reproduzindo obras



Fonte:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_4_uem_edespecial_artigo_creide_amos_farias.pdf

Além de desenhos, cores, tintas e argila, os alunos envolveram-se também com a fotografia aproveitando, nessa oportunidade para aprender conceitos específicos da linguagem visual.

Em aulas seguintes, os alunos foram orientados a trazer fotografias de suas famílias e revistas que tivessem em casa. Neste momento, abordou-se por meio de discussões e exibição de vídeos a questão dos objetos bidimensionais e tridimensionais. Iniciamos a discussões medindo com uma régua as fotografias trazidas pelos, verificando que as mesmas possuem "largura e altura" e, por esse motivo, são bidimensionais. Em seguida passamos a medir, com uma fita métrica, os objetos tridimensionais como: carteira, cadeira e outros objetos da sala de aula. Mediu-se a mesa do

professor e descobriu-se conjuntamente que a mesa tinha largura, altura e profundidade, por isso era um objeto tridimensional. (PARANÁ, 2016, p.13).

No próximo encontro os alunos apreciaram algumas produções do artista e foram orientados a trabalhar com telas. Conforme o relato (PARANÁ, 2016, p.14), nessa atividade foi “[...] possível observar o estímulo e desenvolvimento motor, da atenção, da memória, percepção, linguagem e da criatividade, ou seja, trabalhando com funções psicológicas superiores.”.

No encontro seguinte a professora proporcionou aos alunos a trabalhar ainda mais a questão ambiental, levando então a ideia de confeccionar roupas com materiais descartados pelos homens.

Assim, cabe a todos os educadores ensinar e conscientizar os alunos que é fácil e necessário preservar a natureza, pois faz parte do mundo integral e se faz presente no cotidiano. Com a mesma, é possível se ter uma vida melhor, por isso, deve - se cuidar do “verde” existente no planeta, através de uma convivência diária e prática de um bom cidadão que busca a um mundo melhor. (MEDEIROS et al., 2011 p.7)

Foram então utilizados materiais tais como: jornal, copo de café, revistas, sacolas e lixo entre outros. A professora então esclarece o que pode observar nos alunos: “[...] o desenvolvimento da coordenação motora, atenção, percepção, criatividade, memórias e troca de experiências”. (PARANÁ, 2016, p.16).

Fig.9 - Elaboração de roupas



Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_4_uem_edespecial_artigo_creide_ramos_farias.pdf

Para finalizar o projeto foi feito um desfile e logo depois as roupas foram expostas junto com os trabalhos confeccionados pelos alunos, envolvendo então a comunidade escolar. Por meio de um vídeo, todos puderam observar as várias etapas do processo vivido pelos alunos.

Neste sentido, a arte se configurou como uma ciência que promoveu o desenvolvimento de atividades que permitiram a conciliação do debate ambiental juntamente com alunos com necessidades especiais, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, desenvolvimento motor, memorização, percepção, linguagem, dentre outros, pois, os mesmos foram levados a criar e desenvolver sua sensibilidade por meio da prática promovida pela arte. (PARANÁ, 2016, p.17).

Nesse sentido vemos então que os objetivos do projeto foram alcançados apesar dos alunos apresentarem algumas dificuldades durante algumas atividades, porem apresentaram estar bastante contentes em realiza-las.

3.5 UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS

Ao olhar para os relatos coletados e ao mesmo tempo refletir a partir do referencial teórico construído neste percurso de pesquisa, é possível ver as grandes experiências que alunos e professores podem viver através dos ateliês e das aulas que ali acontecem. No primeiro relato vejo muitas possibilidades de inclusão através da arte pois o Instituto Rodrigo Mendes tem como objetivo levar seus alunos para os ateliês e experimentar as diversas técnicas da arte e para os professores apresentar metodologias para incluir seus alunos através da arte.

Se nossas escolas pretendem evoluir, para converter-se em legítimas instituições de ensino-aprendizagem de orientação inclusiva, a adaptabilidade mecânica não pode bloquear as manifestações de curiosidade, criatividade e inventividade dos nossos alunos. Ao contrário, devem estimulá-los a aprender a aprender e ao exercício do pensamento divergente, que se opõe ao raciocínio linear, presente em quase todas as práticas educativas. (CARVALHO, 2014, p.75).

Percebemos que o instituto nos mostra grande possibilidade de alunos e professores aprenderem que através da arte há um grande caminho para a inclusão; mesmo com aulas de 45 minutos e uma vez na semana, professor e aluno podem sim vencer barreiras, professor em busca de conhecimento consegue sim cumprir seus objetivos em sala de aula.

O segundo relato nos faz acreditar que sim, a arte pode contribuir para a inclusão da pessoa com deficiência, pois no início da experiência foi oportunizado a todos conhecer e experimentar a técnica da xilogravura, mesmo que o relato mostre que alguns alunos tiveram dificuldade observamos que todos tentaram participar e de forma satisfatória expuseram seus trabalhos.

O terceiro relato mostra nitidamente a diferença das crianças do início ao final da experiência e destacamos a surpresa das crianças ao conhecer os pontos, linhas e cores e a admiração pelo que se podia fazer utilizando diferentes materiais. Apesar de alguns alunos mostrarem dificuldades com desenhos abstratos acredito que as aulas podem contribuir muito na inclusão, principalmente na última aula aonde os próprios alunos construíram cartazes para a exposição de seus trabalhos. Esta atividade tem um grande potencial pois estão levando uma exposição para dentro da escola.

[...]inúmeras reflexões embasadas na psicologia e nas neurociências da aprendizagem, facilitando-nos compreender que há diferentes modalidades de aprendizagem que se permitem desenvolver habilidades e competências, permitindo ao sujeito valer-se do que aprendeu para tornar sua vida mais fácil e feliz. (CARVALHO, 2014, p.76)

O segundo e terceiro relato nos mostram a vontade do aluno com deficiência em experimentar e vivenciar cada prática proposta em sala de aula, mesmo apresentando dificuldades expressaram vontade, em não apenas pintar um desenho qualquer em sala de aula mas sim experimentar novas possibilidades, mesmo com dificuldades tentaram e tiveram grande desempenho em sua aprendizagem.

O último relato – por ser um projeto interdisciplinar – já acrescenta muito na aprendizagem dos alunos; a professora levou diferentes áreas da arte para melhor compreensão e conhecimento dos alunos. Sabemos que alguns alunos tem habilidades e interesses por diferentes matérias e nesse projeto, a professora tornou a aula mais instigante para o aluno se incluir nas atividades.

Em um mundo cada vez mais em conflito, a educação multicultural busca a preservação da cultura e da harmonia através do desenvolvimento das competências interculturais. [...] o conhecimento e a capacidade de lidar com os códigos culturais de outras culturas, bem como a compreensão de como ocorrem certos processos culturais básicos, e o reconhecimento de contextos macroculturais aonde as culturas se inserem, como é o caso da arte. (RICHTER, 2003, p.26).

A confecção das roupas e a exposição juntamente com desfile acompanhada de um vídeo, deixou aparente cada etapa vivida pelos alunos e registrada pela professora, valorizando assim o estudo da arte.

Diante de todos os relatos encontrados meu olhar para essas experiências – que considero de extrema importância tanto para minha formação como professora quanto para todas as colegas que já trabalham na área, ver metodologias dando certo para a inclusão de alunos com deficiência – nos mostra que não devemos perder a esperança.

Acredito que nesses relatos, a mensagem mais importante é que, mesmo com o pouco tempo que o professor de arte tem em sala de aula com crianças com deficiência, ele consegue sim inclui-las em suas aulas e no âmbito escolar.

Em cada relato vejo a vontade do professor de incluir seus alunos e também de incluir novas metodologias em sala de aula.

Diante dessas conclusões apontadas pela pesquisa, apresento a seguir um Projeto de curso para professores de Arte, como formação continuada, com o objetivo de discutir sobre novas possibilidades para o aluno com deficiência aprender arte.

4 PROJETO DE CURSO

TÍTULO:

Novas Possibilidades para o Aluno com Deficiência no Ensino da Arte.

JUSTIFICATIVA:

A inclusão em sala de aula é de extrema importância para o aluno com deficiência, tanto para a interação dos mesmos com colegas e professores, como para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Nesse sentido o ambiente escolar deve estar adequado para receber os alunos com deficiência, mas a formação e preparação dos professores sobre o assunto e como conduzir o processo é fundamental.

A escola que se propõe inclusiva trabalhará com uma proposta que compõe os diferentes estilos de aprendizagem e a relação que se estabelece entre todos os envolvidos nesse processo. A escola será mais um espaço de auxílio à constituição psíquica desses alunos, promovendo encontros, vínculos, atividades e espaço para o sujeito vir a ser. (VIEIRA, 2017, p.65).

Vemos que todos tem o direito de aprender conforme seus interesses e habilidades e a arte pode contribuir para que a inclusão seja afeita de forma divertida e que alcance a necessidade de aprendizagem de cada aluno. Dessa significativa proponho a realização de um curso de aperfeiçoamento para professores de arte ampliem seu conhecimento acerca de diferentes metodologias e possibilidades de inclusão através da arte com seus alunos com deficiência.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos professores de arte um conhecimento e reflexões sobre metodologias necessárias para a inclusão do aluno com deficiência.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre a metodologia utilizada em sala de aula, juntamente com os demais professores de Arte.
- Compreender a necessidade de promover a inclusão por meio do ensino da arte em suas várias linguagens.
- Elaborar planejamentos de novas aulas de arte.

PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA:

12 horas

PÚBLICO ALVO:

Professores de Arte

EMENTA:

Novas metodologias para o ensino da arte. Inclusão do aluno com deficiência.

METODOLOGIA:

O curso acontecerá no município de Forquilha com intuito de oportunizar a reflexão sobre possibilidades de desenvolver diferentes metodologias para a inclusão de alunos com deficiência no âmbito escolar, especialmente no conhecimento da área de Artes. Envolverá 10 professores de Arte da cidade, que podem ser da rede municipal, estadual ou privada.

No primeiro encontro, com a duração de 4 horas, será feito um roda de conversa aonde os professores terão a possibilidade de comentar sobre sua realidade na escola com relação à participação dos alunos com deficiência nos processos de aprendizagem. Logo depois, com base em textos legais como: Estatuto da Pessoa com Deficiência e a LDB, e pesquisas acadêmicas vamos trocar experiências que envolvam a importância da metodologia para o aluno com deficiência e seus direitos no ambiente escolar.

Discutiremos também a importância do educador ter conhecimento sobre esses documentos e os direitos do aluno com deficiência, e também conhecimentos sobre as diferentes metodologias que podem ser aplicadas para a inclusão do alunos com deficiência.

No encontro seguinte, também de 4 horas, os professores poderão vivenciar algumas dinâmicas de inclusão e minioficinas nas diferentes linguagens da arte como: dança, pintura, teatro, cerâmica, xilogravura, colagem entre outras. No momento seguinte, depois de refletirem sobre essas possibilidades, a tarefa será elaborar planejamentos para novas aulas de arte, em duplas ou pequenos grupos.

No encontro seguinte com mais 4 horas será proposto aos professores que em grupos desenvolvam seus projetos com o restante da turma para que assim todos experienciem diferentes planejamentos. O curso finalizará com a socialização desses planejamentos elaborados colocando-os em discussão no grande grupo, e agregando contribuições de todos os professores de Arte.

REFERÊNCIAS:

VIEIRA, Patrícia. A constituição do sujeito e sua importância na educação. In: GALERY, Augusto et al. **A escola para todos e para cada um**. São Paulo: Summus Editora, 2017. p. 63-72.

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar minha pesquisa elaborei minha questão problema: As aulas de arte podem contribuir na inclusão dos alunos com deficiência? E como resultado obtido a partir de relatos coletados é possível ver as experiências que os professores e alunos podem viver a partir dos ateliês e das salas de aula de arte.

Assim sendo destaquei relatos de experiências coletadas que, entre outros objetivos, buscaram levar professores e alunos com deficiência para vivenciar diferentes técnicas das artes e materiais em ateliês ou salas de aula; mostraram dificuldades mas mostraram também a importância de não desistir de participar das propostas incluindo exposições dos trabalhos e o registro das etapas por meio de vídeo.

Acredito que com esta pesquisa de relatos meus objetivos foram alcançados. Consigo observar pelos relatos coletados a preocupação dos professores e escola em incluir seus alunos respeitando cada um em suas dificuldades fazendo com que consigam aprender as diferentes áreas da arte. Compreendi também que cada aluno tem seu tempo e suas dificuldades e que cada professor deve conhecer seus alunos, para então pôr em prática suas metodologias. Em todos os relatos coletados aparece a dificuldade dos alunos, alguns não conseguem manusear os instrumentos, outros dificuldades com os desenhos, mas em todos mostra a vontade dos alunos em participar das aulas.

Observei também que cada professor desenvolve suas metodologias, alguns de forma oral, outros já passam vídeos para melhor explicação, apresentam obras na sala e até levam os alunos para um lugar diferenciado, para fora de sala de aula, mas todas as metodologias apresentadas nos relatos tem como objetivo incluir seus alunos.

É importante considerar que, para contribuir com a inclusão já temos vários recursos de tecnologia assistiva, disponíveis em todas as escolas regulares para todas as deficiências. E temos também a LIBRAS, um grande passo para a inclusão na escola visto que promove a comunicação entre surdos e ouvintes.

Para finalizar esta pesquisa concluo que, além da paixão por ensinar e pensar cada aluno com sua particularidade, o professor precisa despertar a curiosidade do saber em cada um, fazer com que experimente mesmo que com dificuldades, que conheça um pouco das diversas possibilidades de conhecer e

fazer arte. O professor precisa oportunizar que o aluno com deficiência se inclua e encontre em si a curiosidade e no final de cada aula saber que de alguma maneira você é responsável por cada experiência vivida ali.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Presidência da República**: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. **Presidência da República**: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 24 out. 2019.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola Inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Mara F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GALLERY, Augusto. O que é (e o que não é) inclusão. In: PINTO, Andreia et al. **A escola para todos e para cada um**. São Paulo: Summus Editorial, 2017. p. 31-39.

GODOY, Arilda Schmidt. **PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS**. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2019.

IRWIN, Rita L.. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L.. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora Ufsm, 2013. p. 27-35

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar**. 2. ed. Brasil: Summus Editorial, 2006.

MARQUES, Carlos Alberto. Rompendo Paradigmas: As contribuições de vygotsky, paulo freire e foucault. In: JESUS, Denise Meyrelles de et al. **Inclusão práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre/rs: Editora Mediação, 2007. p. 145-153.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de et al. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. 2011. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019.

MENDES, Rodrigo Hübner; CAVALHERO, José; GITAHY, Ana Maria Caira. **Artes Visuais na educação Inclusiva**: Metodologia e práticas do Instituto Rodrigo Mendes. São Paulo: Peirópolis, 2010.

OLEQUES, Liane Carvalho. **ARTE E EDUCAÇÃO ESPECIAL: ENSINANDO XILOGRAVURA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**. Disponível em: <<https://virtual.udesc.br/eventos/ixencontro/07.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_creide_ramos_farias.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.

PINTO, Andreia. A diversidade nas questões com o aprender. In: PINTO, Andreia et al. **A escola para todos e para cada um**. São Paulo: Summus Editorial, 2017. p. 85-113.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas SP: Mercado de Letras, 2003.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SOUZA, Jacqueline de Kássia Zanchetti; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: O ensino de arte na Escola Especial: o desenho como base da apropriação do conhecimento dos elementos da linguagem visual**. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_jacquelinekassiazanchetti.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

TIBOLA, Ivanilde Maria. **ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO E TRABALHO: Proposta Orientadora das Ações**. 2001. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/122_arte_cultura_e_educacao%202000%20FENAPAEs%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/122_arte_cultura_e_educacao%202000%20FENAPAEs%20(3).pdf)>. Acesso em: 22 out. 2019.

VIEIRA, Fernando David; PEREIRA, Mário do Carmo. **"Se houvera quem me ensinara..." A Educação de Pessoas com Deficiência Mental**. 2. ed. São Paulo: Textos Educação, 2003.

VIEIRA, Patrícia. A constituição do sujeito e sua importância na educação. In: GALERY, Augusto et al. **A escola para todos e para cada um**. São Paulo: Summus Editora, 2017. p. 63-72.